

VARIEDADES LINGUÍSTICAS E USOS SOCIAIS DA COMUNIDADE DE FALA DOS “HOLANDESES” DE CARAMBEÍ/PR

*Leticia Fraga*¹

leticiafraga@gmail.com

RESUMO: Carambeí, uma pequena cidade do Paraná, foi a primeira colônia holandesa fundada no Brasil, em 1911. Considerando-se que a população de Carambeí é muito complexa cultural e linguisticamente, este estudo intenta fazer um levantamento do uso funcional do português e do holandês ali.

Nós concluímos que os grupos 1M e 1F preferem o holandês; os grupos 2M e 2F são bilíngues em português e holandês; os grupos 3M e 3F são monolíngues em português.

Palavras-chave: língua portuguesa; língua holandesa; variedades linguísticas; usos sociais

INTRODUÇÃO

Carambeí, uma pequena cidade de dezessete mil habitantes, distante 15 km de Ponta Grossa, no Paraná, é uma das três colônias holandesas daquele estado. Mais especificamente, a primeira – portanto, a mais antiga – colônia holandesa do Brasil, fundada em 1911.

Neste artigo, buscar-se-á caracterizar a comunidade de fala “holandesa”² de Carambeí, uma tarefa bastante complexa, respondendo em linhas gerais às seguintes questões: “Quem fala que língua, onde, a quem e sobre o quê” (HYMES, 1964, p. 251)?

1. MATERIAIS E MÉTODOS

Nesta pesquisa, para fazer o levantamento dos dados a respeito do processo de aquisição da língua portuguesa e da língua holandesa na comunidade “holandesa” de Carambeí, utilizou-se o método etnográfico, pois estudos etnográficos muito têm contribuído para o entendimento da história da cultura de diferentes povos, uma vez que possibilitam que “uma variedade de métodos seja utilizada para minimizar a imposição das percepções e categorias culturais [do pesquisador] no registro e interpretação de um outro sistema” como afirma Saville Troike (1989, p. 128). Portanto, utilizar o método etnográfico significa levantar todos os dados possíveis de uma comunidade, no sentido de investigar um determinado grupo e sua cultura específica. Segundo Arnould e Wallendorf (1994), o método etnográfico caracteriza-se pela prática de:

- Coleta de dados e registro das ações no seu local natural (ou seja, onde acontecem na realidade, e não em laboratórios ou em situações superficiais);

² Neste trabalho, as designações “holandês(es)”/“holandesa(s)” (entre aspas) serão usadas para fazer referência ao indivíduo descendente de holandeses que nasceu no Brasil, em oposição às designações “brasileiro(s)”/“brasileira(s)” (também entre aspas), que se referem ao indivíduo que nasceu no Brasil e não é descendente de holandeses. A opção por estas designações deu-se por duas razões: os próprios “holandeses” de Carambeí fazem esta distinção (autodenominam-se “holandeses” e distinguem-se dos não holandeses, a quem chamam “brasileiros”) e Rickli (2003) propõe em seu trabalho sobre a colônia de Castrolanda a utilização do termo “brasileiro” como referência ao indivíduo que nasceu no Brasil e que não tem ascendência holandesa.

- Participação do pesquisador em um contexto cultural específico;
- Incorporação de múltiplas fontes de dados, entre as quais se encontram a observação (que pode ser participante ou não participante) e a entrevista (não estruturada ou estruturada).

Assim, o método etnográfico requer que o investigador penetre no universo cultural de um grupo étnico específico e, guiado basicamente pelas informações aí obtidas, desvende sua história, seus significados e suas respectivas inter-relações. Em etapa posterior, é preciso selecionar os eventos correlacionados aos objetivos investigativos propostos ou selecionar o que, no curso da investigação, se revele mais significativo para o específico interesse do etnógrafo. Por envolver a chamada *observação participativa*, os estudos etnográficos proporcionam uma ampla visão sobre, por exemplo, a real significação de determinados fatores sociais e linguísticos em determinada comunidade de fala. Logo, ao adotar um método dessa natureza, evitam-se, por exemplo, meras descrições.

Em síntese, atentou-se para uma questão inerente à tarefa do etnógrafo, a de suspender temporariamente o julgamento e abstrair os conhecimentos próprios, que são consequência do pertencimento a uma cultura particular, de forma a tentar entender outra vida cultural como um “*insider*”. Esse foi o procedimento adotado quando da coleta de dados etnográficos no município de Carambeí- PR.

A investigação da comunidade “holandesa” de Carambeí, mediante aplicação do método etnográfico e da etnografia da comunicação, compreendeu aproximadamente o período de um ano e meio: de março de 2005 a agosto de 2006. A observação como “*sympathetic participant-observer*” ou como “*analytical participant-observer*” isto é, junto com o grupo e sobre o grupo, foram ambas adotadas, já que a comunidade está relativamente acostumada a tais formas de observação,

principalmente pelo contato com jornalistas, com turistas do país e do exterior e com pesquisadores.

Os instrumentos de coleta de dados utilizados nessa pesquisa foram a observação, a entrevista e o questionário, que são bastante relevantes no caso de um trabalho de campo na área de sociolinguística, como é o caso deste estudo.

Os informantes selecionados para a entrevista residem tanto numa pequena área urbana – um pequeno centro onde se localizam agências bancárias, escola estadual, lojas, supermercados etc. – quanto em locais mais afastados, na área propriamente rural (em fazendas e sítios) e seu universo cultural foi igualmente investigado em ambas as localizações, uma vez que se visitaram várias famílias “holandesas” de Carambeí. No total, entrevistaram-se vinte e quatro pessoas.

Os critérios gerais pré-estabelecidos para a seleção dos informantes foram os seguintes:

- Ter mais de 18 anos;
- Ser descendente de holandeses (pelo lado materno ou paterno);
- Ter nascido (ou ter-se mudado até os 5 anos) e ter sempre vivido na região de Carambeí;
- Ser bilíngue em português/holandês em algum grau.

Antes de cada entrevista, justificávamos a realização do estudo, dizendo que pretendíamos compreender melhor a história da colonização holandesa de Carambeí. Na sequência, preenchíamos uma ficha com os dados pessoais dos informantes, tais como nome completo, idade, escolaridade, cidade em que moram, endereço etc. Na ficha havia também um espaço reservado para anotar o local em que a entrevista foi realizada e a data. Os informantes foram identificados pelas iniciais para preservar a identidade de cada um.

No quadro a seguir, pode-se observar o perfil dos informantes que forneceram os dados referentes à discussão so-

bre os usos linguísticos da comunidade de fala dos “holandeses” de Carambeí.

Informante	Sexo	Idade	Ascendência	Naturalidade	Profissão
DG	M	70 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	aposentado
HS	M	73 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	agricultor
JG	M	71 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	pecuarista
BD	M	71 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	agricultor
JLG	F	75 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	dona de casa
WGG	F	75 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	dona de casa
THS	F	72 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	dona de casa
WCGE	F	74 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	dona de casa
AF	M	50 anos	filho de pais holandeses	Telêmaco Borba	contador
BD	M	50 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	guia de museu
WD	M	47 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	agricultor
RW	M	46 anos	filho de pais holandeses	Carambeí	pecuarista
RHB	F	44 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	secretária
IS	F	43 anos	filha de pais holandeses	Castrolanda	dona de casa
WSGG	F	41 anos	filha de mãe indonésia e pai holandês	Carambeí	dona de casa
AJWB	F	42 anos	filha de pais holandeses	Carambeí	professora
CD	M	23 anos	neto de avós maternos e paternos holandeses	Carambeí	estudante
FF	M	22 anos	neto de avós paternos holandeses	Carambeí	estudante
DF	M	24 anos	neto de avós paternos holandeses	Carambeí	estudante

MG	M	21 anos	neto de avós maternos e paternos holandeses	Carambeí	estudante
GF	F	22 anos	neta de avós paternos holandeses	Carambeí	estudante
SSM	F	21 anos	filha de mãe holandesa e pai "brasileiro" (filho de pais holandeses)	Carambeí	estudante
MD	F	20 anos	neta de avós maternos e paternos holandeses	Carambeí	estudante
FD	F	21 anos	neta de avós maternos e paternos holandeses	Carambeí	estudante

Quadro 1 - Perfil sociocultural dos informantes

a) Grupo 1M: informantes DG; HS; JG; BD. O Grupo 1M é o grupo dos idosos de Carambeí. Têm entre 70 e 75 anos. O grupo é bilíngue em holandês/português.

b) Grupo 1F: Informantes JLG; WGG; THS; WCGE. O Grupo 1F é o grupo das idosas de Carambeí. Têm entre 70 e 75 anos. O grupo é bilíngue em holandês/português.

c) Grupo 2M: Informantes AF; BD; WD; RW. O Grupo 2M é o grupo dos que representam os adultos descendentes de holandeses de Carambeí e têm entre 45 e 50 anos. O grupo é bilíngue em holandês/português.

d) Grupo 2F: Informantes RHB; IS; WSGG; AJWB. O Grupo 2F é o grupo das que representam as mulheres adultas descendentes de holandeses de Carambeí e têm entre 40 e 45 anos. O grupo é bilíngue em holandês/português.

e) Grupo 3M: Informantes CD; FF; DF; MG. O Grupo 3M é o grupo dos jovens descendentes de holandeses de Carambeí, que têm entre 20 e 25 anos e estão concluindo

do o ensino superior. Parte do grupo é somente bilíngue incipiente em holandês/português.

f) Grupo 3F: Informantes GF; SSM; MD; FD. O Grupo 3F é o grupo das jovens descendentes de holandeses de Carambeí, que têm entre 20 e 25 anos. Parte do grupo também é somente bilíngue incipiente em holandês/português.

Dessa forma, mediante a comparação entre estas diferentes amostras, acredita-se ser possível a generalização dos resultados obtidos.

2. RESULTADOS E DISCUSSÃO

O repertório linguístico da comunidade dos “holandeses” de Carambeí/PR é constituído pelas línguas portuguesa e holandesa. Os usos linguísticos da comunidade, no que diz respeito a essas duas línguas, são descritos a seguir por grupos de informantes.

Grupo 1M

Dentro da comunidade “holandesa” o grupo 1M corresponde ao grupo dos idosos do sexo masculino, descendentes dos primeiros imigrantes da comunidade, que, em geral, exerceram atividades ligadas à agricultura e estabeleceram pouco contato com o mundo externo à comunidade. O traço comum a esse grupo é a preferência pela língua holandesa ou, mesmo, o monolinguismo em holandês, além de um forte apego à cultura tradicional holandesa:

Talvez quando encontra um holandês, eu pergunto em holandês. (HS)

Muitos idosos são monolíngues em holandês, mas a maioria fala, pelo menos, um pouco de português, mesmo que com dificuldades:

Os meus cunhados mais velhos prefiram o holandês em cima do português, porque aprenderam português como língua estrangeira. O irmão mais velho dela, 89 anos, ele prefiram holandês e na igreja também. Português é sempre difícil pra ele. Ele fala português, mas ele prefiram holandês. (HS)

Os membros do grupo não revelam sentir dificuldades em falar, entender ou ler em holandês, somente em o escrever. E, segundo o grupo, essa dificuldade se deve ao pouco tempo que a escola dedicava ao ensino da escrita em holandês:

Eu praticamente nunca escrevi o holandês. Como executivo, viajava só no Brasil praticamente. E holandês eu aprendi, o que eu sabia de escrever, aprendi nas aulas de holandês aqui, dois anos. Só tivemos dois anos de holandês. Mas eu nunca cultivei isso. Nunca precisei. (DG)

Grupo 1F

Até 1970, a língua materna dos “holandeses” da colônia era o holandês, língua que era usada na vida doméstica das famílias (KOOY, 1978). Nessa época, o holandês era falado por todos os membros da família, mas vale destacar o papel das mulheres na garantia do aprendizado e da manutenção da língua. Eram as mulheres que ensinavam o idioma às crianças e, na maioria das famílias em que ainda se fala holandês, são as mulheres que se preocupam em conservar a língua holandesa dentro dos lares:

Mas elas entendem o holandês porque a mãe sempre exige bastante delas também. né? (DG)

[O problema está] quando homem casa com mulher brasileira. né? Porque a mãe é que fala com as crianças. Então ali é que se perde. Enquanto a mãe ta falando em holandês, você não perde. (HLV)

Em geral, a mulher é a grande usuária da língua holandesa e só um pequeno número delas, as mais velhas, sobre-

tudo, não fala português. Por essa razão, muitas mulheres com mais de sessenta anos consideram não ter um bom desempenho em português, pois têm um sotaque “muito carregado” nessa língua.

Algumas dessas idosas manifestam um conhecimento passivo do português, pelo contato com os filhos adultos, que discutem negócios diante delas e também pelo contato com os netos escolarizados:

Minha mãe entende um pouco de português; ela tenta ajudar os netos porque ela tem trinta e poucos netos. Muitos netos não sabe falar uma palavra em holandês, né? Mas então ela consegue conversar um pouquinho em português, mas bem o básico mesmo, né? Bem pouco. (BD 2M)

Em termos concretos, as idosas têm bastante ou alguma dificuldade em falar português. No entanto, apesar de suas dificuldades, algumas demonstram que têm preocupação em integrar-se ao país (por meio da aprendizagem da língua portuguesa) e fazem críticas aos que não se esforçam para deixar a condição de monolíngues:

Mas eu vejo o meu irmão e minha cunhada que já tá quantos anos aqui no Brasil, né? Eu penso: como vieram? [como falam mal!] Dai eu acho: isso não pode! Os mais antigos eu entendo ainda [que só falem holandês], porque a comunidade era tão pequena. Todo mundo só falava holandês, não precisava do português. Hoje, não. (WGG)

Grupo 2M

Quanto ao grupo dos homens adultos, a maioria é bilíngue, ou seja, fala a língua portuguesa e a língua holandesa, reservando esta última para as relações com familiares mais idosos:

[Falo holandês] só com os mais idosos. Meu nível [idade] pra baixo só em português. Só com os mais idosos. Mas os mais idosos, a maioria começa a conversar em holandês, por eles saberem que você fala. Então eles começam com você, a opção deles número um é o holandês. Então eles vê que comigo dá pra falar, eles começam em holandês. (AF)

Hoje em dia se eu falo com a minha mãe é só em holandês também. (BD 2M)

No entanto, muitos homens afirmam que a comunicação em holandês é muito difícil, ao passo que “falar português é fácil” A principal razão alegada é a de que se fala muito mais português, em termos de frequência, do que holandês:

É muito difícil falar em holandês. Difícil. Português é muito mais fácil. Português se fala com muito mais frequência. Então [se você] vai conversar com alguém, fala em português. (RW)

Muitos elementos do grupo revelam que têm dificuldades em ler e escrever em holandês:

Eu já mandei carta em holandês pra Holanda. Eu não entendo tudo o que eu leio também, mas é difícil. Esse tipo de coisa, o “u” não se fala “u” né? Essas coisas é bem complicado. Eles emendam palavras, né? E dá pra aumentar muito mais essa palavra, né? É uma palavra só e que se for traduzi é uma frase inteira. (BD 2M)

Agora, escrever é uma tristeza. (WD)

Em relação aos filhos, muitos revelam que decidiram não lhes ensinar a língua holandesa ou para que estes não tivessem sotaque “de holandês” no português, ou porque saber holandês “não serve para nada”:

E hoje eu diria que seria melhor se eu tivesse ensinado eles inglês do que holandês, porque pra esse mundo, holandês

não serve pra nada, infelizmente, infelizmente. Pra ser bem profissional, pra que que serve holandês, hoje, nessa região? Porque fora de Carambeí, tá em Ponta Grossa já não serve. 90% da comunidade aqui não fala holandês. Serve pra quê? Só pros avós. Satisfazer tua mãe. (AF)

Por outro lado, para o grupo, a aprendizagem da língua portuguesa sempre esteve ligada à questão de convivência com o mundo externo à comunidade. Dessa forma, para os homens dessa comunidade, falar a língua portuguesa é uma das maneiras de proteger a família de possíveis perseguições e discriminações.

Grupo 2F

O bilinguismo português/holandês é tão frequente no grupo 2F quanto no 2M. Da mesma forma, no que diz respeito à transmissão da língua holandesa para os filhos, a grande maioria das mulheres optou por não o fazer, especialmente para que estes não tivessem sotaque “de holandês” no português:

Eu tenho um sotaque, eu sei que tenho bastante sotaque, mas é que eu fiquei muito tempo sozinha com meus pais, eu sou assim temporão, né? O meu é bem acentuado. Mas hoje eu penso: “puxa vida, [que] burra” O meu marido também fala holandês, então nós dois podíamos ter ensinado ela [a filha a falar holandês]. Mas o cachorro é bilíngue. Porque não tem problema se ele tiver sotaque, né? (IS)

Assim como os homens, as mulheres também reservam o uso da língua holandesa para as relações com familiares mais idosos:

É, se for um holandês mais velho, uma pessoa de geração mais... Exato, aí, sim, a gente fala holandês. (AJWB)

É que, na verdade, estes são mais velhos, eles têm tendência pra falar em holandês. Se eles começam falar em holandês, eu respondo em holandês. (AJWB)

Ela começa falar em holandês com você, você fala o holandês de volta. (RHB)

Assim como os membros do grupo anterior, as mulheres também acham que escrever em holandês é muito difícil:

A gente se bate pra escrever. Eu me bato pra escrever uma carta lá pra tia, lá. Fica com o dicionário, né? Daí você vê, porque não sabe se é com dois k, com dois l, com dois b. Lá tem muito disso aí, né? Mas eu já faço assim pra eu saber também, né? Como é que é, né? (IS)

Grupo 3M

Quanto ao grupo dos jovens “holandeses” do sexo masculino, todos frequentam a escola e são fluentes em português. Além disso, muitos se envergonham de ser identificados como “holandeses” pela associação que se faz entre ser imigrante holandês e ser “caipira”:

Essa vergonha existe, [de] ser chamado de holandês (FF).

Em geral, os jovens “holandeses” do grupo são monolíngues em português, muitos dos quais podem ser incluídos na categoria de bilíngues incipientes:

O mais velho falava bem o holandês e a mais nova já tem muitas dificuldades. Ela fala, mas ela traduz do português pro holandês. Viajou comigo para Holanda e ela não quis que eu ajudasse ela. “Eu falo holandês, não tem problema” E até que ela se mexeu bem. (HS)

Os jovens “holandeses” do grupo se mostram receptivos a tudo o que diz respeito à Igreja Reformada. Nesse sentido, con-

sidere-se a assumida preferência dos jovens pelos cultos proferidos (em português) pelo pastor holandês. Praticamente todos vivem segundo os preceitos da igreja, mesmo que isso, em alguns casos, pareça bastante antiquado (KOOY, 1978):

Os jovens, por realizarem estudos fora da colônia, faziam contatos com os costumes e os pensamentos brasileiros, de fato bem diferentes do que os da colônia e talvez por isso atraentes para a juventude. Crescia uma geração cuja língua materna não era mais a holandesa, mesmo que a maioria ainda falasse este idioma. Mesmo assim, a influência do pastor Witzier era bem grande sobre os jovens. Quando ele uma vez proferiu as suas objeções contra o baile do chopp organizado pela associação dos funcionários da Cooperativa, no ginásio de esportes, nenhum dos jovens da igreja foi a esse baile. (KOOY, 1986, p. 251)

Como se afirmou, os jovens do grupo são monolíngues em português (ou bilíngues incipientes em português/holandês), mas o que caracteriza o seu comportamento é o prazer de falar português. De modo concreto, o português predomina nas relações sociais desses jovens. Quando o jovem sabe holandês, geralmente esta língua ocupa um lugar secundário nos seus usos linguísticos. Os jovens se consideram brasileiros, não se assumindo como “holandeses”. Daí, a prática de privilegiar o uso da língua portuguesa. Em resumo, os jovens “holandeses” (mesmo os que são bilíngues em português e holandês) caracterizam-se pelo uso preferencial do português:

Eles [os filhos] dizem: pra que que eu tenho que aprender [a falar holandês]? (WSGG)

Grupo 3F

O grupo das jovens “holandesas” de Carambeí também é fluente em português e somente uma parte é bilíngue incipiente em português/holandês:

Se você for ver, tem bem pouca menina assim da minha idade que entende holandês. Até falava quando era pequena, mas hoje não fala mais nada. (SSM)

Diferentemente dos rapazes, que manifestam uma atitude de rejeição em relação às tradições culturais holandesas, as jovens “holandesas” nutrem um carinho especial por aquela que é a língua dos seus antepassados:

Acho tão bonito ver minha mãe falando com minha vó [em holandês]. Às vezes eu até entendo uma coisa ou outra. (GF)

As moças também se mostram receptivas a tudo o que diz respeito à Igreja Reformada, pois preferem os cultos proferidos (em português) pelo pastor holandês e vivem segundo os preceitos da igreja.

Assim como no caso do grupo anterior, o que caracteriza o comportamento linguístico das moças “holandesas” é o prazer de falar português e o predomínio dessa língua nas relações sociais que esses jovens mantêm entre si. Mesmo quando a jovem fala holandês “bem” esta língua ocupa um lugar secundário nos seus usos linguísticos. Talvez porque elas se assumam como brasileiras e não como “holandesas” privilegiar o uso da língua portuguesa é uma prática comum do grupo.

O quadro a seguir sumariza as discussões do artigo.

Quem?	Que língua?	Quando?	Onde?	A quem?	Sobre o quê?
Grupos 1M e 1F	Holandês	Sempre	Em casa, igreja, reuniões, festas	Família, parentes, amigos, conhecidos	Cotidiano, assuntos domésticos, religião, lembranças do passado
	Português	Raramente	Na rua	Netos mais novos, pessoas em geral, pessoas que preferem falar português ou que não sejam "holandesas"	Cotidiano, escola, negócios em geral, assuntos gerais, comércio
Grupos 2M e 2F	Holandês	De vez em quando	Em casa	Com familiares mais velhos	Cotidiano, assuntos domésticos, religião
	Português	Sempre	Em casa, no trabalho	Familiares da mesma faixa etária, amigos, estranhos, conhecidos	Trabalho, política, esporte
Grupos 3M e 3F	Holandês	Raramente	Casa, eventos da comunidade holandesa	Pai, mãe, avós, idosos	Assuntos familiares, respostas curtas a questionamentos (em holandês)
	Português	Sempre	Demais lugares	Pessoas em geral	Cotidiano, escola, assuntos das relações de amizade

Quadro 2 – Usos linguísticos da comunidade holandesa de Carambeí/PR

Fonte: Dados da pesquisa da autora.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho, nos propusemos a analisar mais detidamente a comunidade de fala holandesa da colônia de Carambeí, com o objetivo de estabelecer os usos funcionais das línguas portuguesa e holandesa naquela localidade. No

que diz respeito a essa questão que nos propusemos responder, concluímos que o Grupo 1M tem preferência pela língua holandesa, além de ter um forte apego a sua cultura tradicional. Em relação à língua portuguesa, o grupo tem dificuldade em falar português, mas demonstra que tem preocupação em integrar-se ao país (por meio da aprendizagem da língua portuguesa) e faz críticas aos que não se esforçam para deixar a condição de monolíngues. Já o Grupo 1F é composto pelas grandes usuárias da língua holandesa. Por essa razão, muitas mulheres com mais de sessenta anos consideram não ter um bom desempenho em português, pois têm um sotaque “muito carregado” nessa língua. O Grupo 2M é bilíngue, ou seja, fala a língua portuguesa e a língua holandesa, reservando essa última para as relações com familiares mais idosos. No entanto, em relação aos filhos, muitos revelam que decidiram não ensinar a língua holandesa a eles ou para que estes não tivessem sotaque “de holandês” no português, ou porque saber holandês “não serve para nada”. Por outro lado, falar a língua portuguesa é percebido como uma maneira de proteger a família de possíveis perseguições e discriminações. O Grupo 2F também é bilíngue em português/holandês e, assim como o grupo anterior, no que diz respeito à transmissão da língua holandesa para os filhos, optou por não o fazer, especialmente para que estes não tivessem sotaque “de holandês” no português. Enfim, os Grupos 3M e 3F dos jovens holandeses, são monolíngues em português, admitem que preferem falar português e muitos podem ser incluídos na categoria de bilíngues incipientes em holandês.

BIBLIOGRAFIA:

- ARNOULD, Eric J.; WALLENDORF, Melanie. Market-oriented ethnography: interpretation building and marketing strategy formulation. *Journal of Marketing Research*, v. 31, n. 4, p. 484-504, Nov. 1994.
- HYMES, Dell H. *Language in culture and society: a reader in linguistics and anthropology*. New York: Harper and Row, 1964.

KOOY, Hendrick Adrianus. *Carambeí 75 anos (1911 1986)*. Carambeí: Ed. do Autor, 1978.

SAVILLE-TROIKE, Muriel. *The ethnography of communication, an introduction*. 2 ed. Oxford, Blackwell, 1989.

ABSTRACT: Carambeí, a small town in Paraná, is Brazil's first Dutch settlement, founded in 1911. Considering that Carambeí Township is fairly complex, both cultural and linguistically, this study intends to do a survey of the functional use of Portuguese and Dutch languages. As far as the first question is concerned, we concluded that Groups 1M and 1F prefer Dutch; Groups 2M and 2F are bilingual in Portuguese and Dutch; Groups 3M and 3F are monolingual in Portuguese.

Keywords: Portuguese; Dutch; Linguistics varieties; Social uses